

“O céu dos pastores”.
Elementos caracterizadores de uma cosmovisão pastoril

Eddy Chambino¹

Resumo: A região do concelho de Idanha-a-Nova congrega uma histórica relação entre o seu vasto território e a remota actividade da pastorícia, é portanto, uma terra assumidamente de pastores. Dentro deste contexto e face à permanente mobilidade e isolamento, o pastor foi forjando uma milenar cultura onde o conhecimento do meio envolvente natural assumiu uma especial relevância no seu quotidiano. Pois, aprendeu a ler e a orientar-se pelos ciclos naturais, pelos movimentos do sol, da lua, das estrelas e a fazer “mágicas” conjugações que nos remetem para um tempo arcaico, um tempo dominado pelo animismo. Este texto vai deste modo ao encontro dessa arcaica cosmovisão pastoril.

Palavras-chave: Concelho de Idanha-a-Nova; Memória e Cultura Pastoril;

Introdução

O concelho de Idanha-a-Nova situa-se no extremo sudeste da região centro, no distrito de Castelo Branco. Insere-se nessa remota e heterogénea região denominada de Beira Baixa (Beira Interior Sul), que Orlando Ribeiro descreveu como “uma manta de retalhos, alguns já estremenhos ou alentejanos, uma justaposição de unidades, essas bem demarcadas no aspecto da paisagem e nos modos de viver dos habitantes” (1995, p. 431). Historicamente é um território ligado à criação de gados, assim o confirmam os registos mais antigos tal como evidencia Orlando Ribeiro: “As campanhas de Idanha criam, mais ovelhas do que toda a Serra da Estrela (96849 ovelhas,

¹ Antropólogo, Município de Idanha-a-Nova/ Centro Cultural Raiano. E-mail: eddychamb@hotmail.com

347 por 100 habitantes, no concelho de Idanha-a-Nova)” (1941, p. 88). Quanto aos últimos dados do Recenseamento Geral da Agricultura de 1999, no concelho de Idanha-a-Nova registaram-se 87 954 ovinos e 7 679 caprinos. Daí estar conotado como sendo uma região intrinsecamente de pastores.

A pastorícia no concelho de Idanha-a-Nova está intimamente ligada ao pastoreio de percurso tradicional e ao cultivo de cereais de sequeiro. A esta profunda simbiose entre os cereais e a criação de gado está associada a exploração extensiva de pastos, que no fundo é o que caracteriza o modo de vida pastoril. Pois comporta movimentos de rebanhos e, por sua vez, o dos pastores. Desta vivência arcaica ritmada pelos infinitos movimentos do rebanho, dormindo e comendo na mais profunda das solidões, o pastor forjou uma das artes mais ancestrais, a arte de ser pastor.

“O céu dos pastores”. Cosmovisões pastoris

A vida isolada e remota dos pastores, afastada das pautas do sino da aldeia e do relógio convencional, tornou os pastores excelentes observadores do seu meio natural, levando-os a assimilar e a recriar outro tempo, assente, fundamentalmente, nos ciclos naturais, nos movimentos do sol e nas fases da lua. Deste modo, os pastores desenvolveram todo um conhecimento aprofundado dos elementos naturais que o rodeiam; aprenderam a ler a envolvimento da paisagem, retirando dela, para além das matérias-primas, conhecimentos, desígnios, augúrios, adágios e por vezes orações; aprenderam a ler o tempo através do sol, a orientarem-se pelas estrelas, a fazerem previsões meteorológicas através de inúmeras associações com base na prática quotidiana entre o meio envolvente e o maneio dos animais. Desenvolvendo desta forma, toda uma cosmovisão arcaica em torno do meio natural.

Sobre este milenar saber pastoril, de certa forma mágico, podemos dizer que revela sobretudo reminiscências arcaicas próximas dos povos “primitivos”, tal como escreve o antropólogo Eliseo Cuesta:

“El pensamiento del pastor tiene características que encontramos en el de los pueblos primitivos (...) se trata de la intuición y el animismo. La intuición la observamos claramente en ciertos procesos de conocimiento, como climatológicos; la predicción se realiza mediante la asociación experimentada previamente de percepciones que no se relacionan lógicamente. Por ejemplo ‘las ovejas barruntan viento cuando dan saltos, o barruntan lluvia cuando se pegan a los muros del corral’. Se trata de un proceso intuitivo, asociado a otra característica del pensamiento primitivo: el animismo, o sea, de una manera egocéntrica se proyectan los propios esquemas de comportamiento a los animales y a las cosas, que quedan así animados por los mismos motivos que el hombre” (1983).*

“Adivinhar o tempo”. Previsões meteorológicas

“Quando a lua tem um aro à volta no fim de três dias chove, ou se o mocho real levantar do Tejo e começar a cantar pelos altos, no fim de três dias chove, ou se no dia em que as ovelhas são batidas à tesoura, se ficarem deitadas muito tempo, no dia a seguir chove. Quem me ensinou isto foi o meu pai que também é pastor.” (Rui Sanches, 26 anos, pastor, Rosmaninhal)

“Já o meu pai se guiava nisto do tempo pela lua. Dizia quando a lua ia voltada que chovia. Nós aqui temos a experiência quando os corvos andarem por ai a cantar, quá, quá, quá e que soe o relógio das Soalheiras ou das Cegonhas, o tempo volta logo, ou há-de fazer mais vento ou há-de aparecer umas nuvens ou faz frio ou há-de vir chuva. Eu já disse muitas vezes à minha filha: é Isabel nos outros anos o relógio das Soalheiras e os corvos parece que só adivinhavam água e este ano só adivinham vento e gelo. Mas é uma coisa certa!” (Maria Caldeira, 69 anos, pastora, Rosmaninhal)

“As garças quando saem do rio ou trazem água ou frio. Este ano têm saído muitas vezes, mas só tem vindo frio. A lua quando vai voltada ao Tejo é sinal de água.” (Clementina Magro, 77 anos, pastora, Soalheiras)

“Quando a gente se alevanta de manhã e está uma aberta ali para Sul e as nuvens aparecem aqui por cima da serra, nesse dia chove; quando está muito brusco para baixo, para o Sul e aqui na serra claro, não chove. A lua quando é pequenina e tem as duas pontinhas voltadas para cima, não deita água, quando vai assim meio inclinada bota água. As rãs quando cantam também adivinham a água, as cabras também adivinham a água, quando está para chover

andam mais arrumaçadinhas (juntas) ” (Ti Domingos “Menoucho”, 79 anos, cabreiro, Penha Garcia)

“Pelo achocalhar das cabras à noite a gente sabe que vai chover no outro dia. Isto acontece quando elas se abanam muito à noite. O gado quando anda muito acarrado também adivinha chuva. A lua quando vai turva e leva circulo, a água anda longe, quando anda perto só se vê uma névoa lá no meio, é sinal de chuva.” (António Santos “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova)

“O gado adivinha a água, quando está para chover abana mais os chocalhos, a gente nota pelo som dos chocalhos. Também dizem quando a lua vai voltada a baixo temos água. O piquençaro-bacorero também adivinha a água, é quando começa a cantar muito.” (João Pires, 73 anos, pastor, Idanha-a-Velho)

“A gente olhava ali para aquele pé de nuvens escuras que aparece por baixo do cabeça, se aparece tudo brusco ali por baixo do cabeça, chove. Ainda no ouro dia reparei, veio aquele pé escuro, eu disse, hoje chove e à tarde choveu! A lua, dizem que é quando vai voltada para baixo dá água, quando vem voltada para cima não dá água. Os pássaros também adivinham água, quando a gente passa num rebero e eles andam a tomar banho, é porque vai chover; as galinhas quando se catam muito e se põem engovedas também vai chover; as andorinhas é quando andam rasteiras pelo meio do gado, também adivinham água.” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal)

“É a lua que comanda tudo! Têm andado frio é derivado à lua, agora daqui a 10 dias tempera o tempo, quando vier a lua nova. Faz sempre uma pequena revolução ou há-de vir muita geadada, muito calor ou muito frio, muito vento ou muita água.” (Joaquim dos Santos, 62 anos, pastor, Salvaterra do Extremo)

“Nisto de adivinhar a água pela lua, já a minha mãe dizia: lua circulo de longe água de perto. O vento quando está de baixo, a gente olha para o galo da torre, quando está voltado para a Idanha é porque chove, se está voltado ali para a Serra da Gata ainda é pior.” (Ifisénia Maria, 85 anos, reformada, Proença-a-Velha)

“Quando a lua vai torta água bota, quando vai dereta água deta. Quando o mocho real anda pelas lombas, chove ou se a cotovia está em cima das azinheras, adivinham água.” (Ti Marcos, 74 anos, pastor, Cegonhas)

Orientação através das estrelas

“Dantes nem relógio havia, era pelas estrelas do céu que a gente se guiava. Quando era nas sementeiras levantava-se para ver como ia o sete-estrela² para ir a dar de comer ao gado. Viam três estrelas encarreiradas, chamavam-lhe o cachero, regulavam-se pelo cachero do pastor.” (Clementina Magro, 77 anos, pastora, Soalheiras)

“A gente para conhecer a lua é preciso dormir ao relento, muita gente não conhece nada porque nunca dormiu ao relento. Nós assim que víamos a estrela da manhã sabíamos logo que horas eram.” (José Lourenço, 90 anos, antigo pastor transumante, Manteigas)

“Quando era à noite regulava-me pelas estrelas, a gente chamava-lhe o sete-estrela, quando estava para aparecer, a gente dizia, são tantas horas e não falhava. Eu para me alevantar de manhã, olhava primeiro para o sete-estrela, para saber que horas eram. Durante o dia regulava-me pela sombra das azinheras. Fazia assim, quando via alguém com relógio perguntava-lhe as horas e depois olhava para as sombras das azinheras e fazia lá um sinal. Assim que passava nesse sítio por essa hora, olhava para lá e já sabia que horas eram certas. Tinha muitos sítios marcados, assim que lá passava já sabia que horas eram. Até mesmo hoje, já com relógio, costumo fazer o mesmo. Um dia pode avariar e assim já sei! Marco o sítio, se por acaso a sombra está antes do sinal é porque ainda falta, se passa é porque é mais tarde. Sei que no sinal são tantas horas.” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal)

Outras influências da lua

“Todas as luas têm quatro quartos, são dois de lua nova e dois de lua velha. Aprendi isto com o meu pai no campo, era uma regra que eles tinham. Os antigos traziam aquilo mais que a gente, agora tudo sabe ler, se não lerem não são capazes de ver nada. Um homem que não sabe ler como é que ele sabe isto? Eu sei isto de cor e não sei ler. Todos os quartos têm sete dias, cada sete dias a lua muda, agora é contar os quartos, todos os meses têm quatro quartos, cada quarto muda, um porque é a lua nova, outro porque é quarto minguante e

² Referência ao aglomerado das Plêiades. Também na Bíblia encontramos este termo: Livro de Jó: 9-9 [...] quem fez urso, o órião, o sete-estrela e as recâmaras do sol.”; 38-31 “Ou poderás tu, atar as cadeias do sete-estrela, ou soltar os laços de órião.”; José Leite Vasconcelos descreve do seguinte modo este termo: “O povo chama sete-estrela ou sete-estrelas [estrela é masculino de estrela] às Pleíades. A esta constelação se referem as cantigas: Os sete-estrelas vão altos/Menina, vá-se deitar: Que eu também farei o mesmo/Que tenho de madrugar; O sete-estrela caiu/Nua (numa) pedra, ficou coxo: O lírio com soidades/logo se vestiu de roxo; O sete-estrela vai alto/Mais alto vai o luar/Mais alta vai a ventura/Que Deus tem pera me dar; Strelas do céu, vinde à terra/Eu quero escolher a minha: Das quatro quero a máior/Das três a mais pequeninha.” (1986, p.63).

outro porque é lua cheia. Isto servia para a gente construir o gado, eu ia a capar uma rês e não podia ser na lua nova, tinha que ser na lua velha. A lua velha mingua sempre, você dá um golpe num braço, se for na lua nova, tinha mais infecção do que na lua velha, todos os dias mingua. Já a lua nova está sempre a crescer, até que chega à lua cheia. Os médicos também têm que saber estas coisas! para chegar um macho a uma fêmea é igual, o quarto minguante é melhor em tudo. Se a gente for a semear uma pouca de salada, se for no quarto crescente espiga logo, porque está a crescer, o quarto minguante segura mais. Se um homem for à mulher num quarto minguante é fêmea, se for num quarto crescente é macho, nunca falha!” (Joaquim Folgado “Carrapato”, 71 anos, pastor reformado, Rosmaninhal)

“A lua tem muita influência nos animais, quando é lua cheia é quando elas cobrem, adiantam e atrasam, se por acaso se cobrirem no quarto crescente, adiantam, se é no quarto minguante, atrasam.” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal)

Bibliografia

Fontes

- Recenseamento Geral da Agricultura de 1999.

Obras gerais

RIBEIRO, Orlando (1995) Opúsculos Geográficos. Estudos Regionais. Vol. VI. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1941) Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VASCONCELOS, José Leite de, (1986) Tradições populares de Portugal. Org. M. Viegas Guerreiro, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Documentos electrónicos

*Gazeta de Antropologia (1983), El primitivismo de los pastores de la Sierra de Gádor. [Em linha]. [Consult. 8 Junho 2007]. Disponible em: http://www.ugr.es/npw/lac/G02_07Eliseo_Fernandez-Cuesta.html.